

VIDA DAS ARTES

José Roberto Teixeira Leite

Relevos de Sérgio Camargo



Após a excelente exposição de Roberto Moriconi, vai a Petite Galerie mostrar, a partir de 21 horas de hoje, relevos em madeira de um dos nossos melhores escultores: Sérgio Camargo, um artista cuja carreira vem transcorrendo sob o signo da inventividade, e cujas formas em madeira pintada já foram admiradas em várias capitais europeias e, ainda, recentemente, na inauguração da galeria de arte da Collectie em São Paulo. O expositor é carioca, nasceu em 1930 e estudou com Petorutti e Fontana em

Buenos Aires, tendo ainda frequentado em Paris o atelier de artistas como Brancusi, Arp e Auricoste, além de ter estudado Filosofia na Sorbonne. Desde 1961 reside, com rápidas viagens ao Brasil, em Paris. Entre seus mais importantes prêmios acham-se o de Melhor Escultor Nacional da VIII Bienal de São Paulo (1965) e o Internacional de Escultura da III Bienal de Paris. Uma de suas obras mais importantes acha-se em Brasília, no Palácio dos Arcos: um enorme relevo, em concreto, medindo 25 metros por 3,5.

Outra exposição de esculturas que se anuncia de bom nível é a que Haroldo Barroso inaugura às 21 horas de hoje na Galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos, à Avenida Copacabana, 690, sobreloja. O expositor, arquiteto e co-proprietário da Galeria

Grupo-B vem se destacando, muito recentemente, como autor de objetos tridimensionais de grande apuro formal, e ainda recentemente teve a honraria de fazer a inauguração de Arte Moderna. Essa será sua primeira individual.

Aberta no Museu da Cidade, à Estrada Santa Marinha, na Gávea, uma exposição do gravador Stephen Kenneth. A mostra pode ser ali apreciada até 6 de dezembro, todos os dias (menos segundas), entre 11 e 17 horas.

Os Livros de Arte

Sucedendo-se ao bonito livro consagrado, ano passado, a Di Cavalcanti, surge agora em São Paulo, em formato idêntico e obedecendo ao mesmo apuro gráfico, belo volume intitulado Portinari. É o segundo, aliás, que se dedica ao grande artista no ano que viu passar seu décimo aniversário de morte, o outro sendo sido Um Cándido Pintor Portinari, do fotógrafo Flávio Damásio. Ordenado com 48 ilustrações a cores, muito bem impresso, Portinari é, acima e antes de tudo, um belo álbum para ser visto, nisso aliás repetindo o que acontece com seu irmão primogênito, Di Cavalcanti. O texto introdutório de Luis Martins e as notas de Antônio Bento ao lado de cada reprodução cumprem função meramente secundária, o que nos parece um erro, tanto mais que, em nossa opinião, Portinari ainda não teve o estudo crítico que sua importante obra está a merecer. De qualquer modo, e com algumas exceções, a seleção das ilus-

trações é convincente, embora longe de obedecer a um critério rigorosamente crítico de triagem, e o livro é, sem dúvida, o mais belo até hoje consagrado ao artista — cujo prestígio só tem feito subir nos últimos dois ou três anos.

● Especialista em arte de Portugal e do Brasil, o norte-americano Robert C. Smith é o autor desse esplêndido livro *The Art of Portugal 1500-1800*, que ele mesmo ilustrou com fotografias de Weidenfeld and Nicolson, Londres, 1968. O primeiro estudo completo sobre a arquitetura e a arte portuguesa, editado em inglês, *The Art of Portugal* focaliza, em curtos porém preciosos capítulos, a arquitetura, a talha, a escultura, a pintura, a cerâmica, a prataria, o mobiliário e os têxteis, com ênfase especial, como não podia deixar de ser, na arquitetura. O livro é absolutamente indispensável para quem deseja conhecer a arte de Portugal e, naturalmente, melhor compreender a arte do Brasil.

O Mercado: Indicador

BRUNO GIORGI (1905)
Grande escultor de nível internacional, ora repartindo seu domicílio entre o Brasil e a Itália, o que o tem tirado um pouco de circulação e, por consequente, do mercado. Senhor de um estilo que, após sofrer diversas influências — de Mallou e Henry Moore —, tornou-se pessoal e elevou-se a alto nível de realização. Bom investimento.

"Figura", bronze, 110 cm, Cr\$ 9.450 (setembro de 1971).

JOAO CAMARA FILHO (1944)
Um dos melhores artistas brasileiros de sua ge-

ração, senão o melhor. Pintor de recursos extraordinários, soube criar um estilo próprio e sem concessões. Preços já altos no atelier, embora ainda acessíveis em leilão. Investimento certo.

"Cabeça", vinil 50 x 65 centímetros, Cr\$ 630 (junho de 1971).

SÉRGIO CAMPOS MELLO (1932)
Pintor de bom métier e sólida formação cultural cujo estilo enveredou recentemente, e de modo deliberado, pelo folclore urbano, numa linguagem kitsch. Bom artista, mas pequena possibilidade de

valorização. As fases anteriores (figurativa, de cunho expressionista, e não-figurativa) possuem baixa cotação.

"Composição", gravura em metal, 23 x 32 cm, Cr\$ 136 (setembro de 1971).

ANGELO CANNONE (1899)
Paisagista que se expressa numa linguagem conservadora, como que repetindo os machadoliblitos senos de que deriva. Boa demanda, preços vis, pouca possibilidade de valorização.

"Casa à beira-mar", óleo, 24 x 33, Cr\$ 336 (novembro de 1971).

Pelo Mundo da Arte

A cada ano, a cidade de Strasbourg, em França, realiza, sob o alto patrocínio do Conselho da Europa, uma grande exposição consagrada a determinado aspecto da arte moderna. A organização deve-se a um comitê de críticos e historiadores, que em anos anteriores já nos deram mostras como *A arte na Europa por volta de 1918*, *A arte moderna e a arte islâmica*, *A arte europeia em 1925* etc. Para 1974, o tema já está escolhido: *A arte ótica e cinética*. A exposição compreenderá diversas seções: uma seção histórica, consagrada às origens da arte ótica e cinética, ilustrada pelas pesqui-

zas impressionistas e os inícios da abstração geométrica; uma seção contemporânea, consagrada às pesquisas individuais e aos trabalhos de equipe realizados desde 1960, e exemplos de desenho industrial e pesquisas didáticas, além de documentação paralela sobre desenvolvimentos similares em música e poesia. A mostra transbordará desde o âmbito do Museu de Strasbourg, núcleo central da exibição, pelas ruas e praças da cidade, numa experiência-piloto em matéria de estética do meio urbano que reputamos de tanta importância quanto a exposição em si mesma.

Consultório

"Dai veio a idéia de escrever-lhe para que me oriente e me indique onde -sequi snau zezaj jzajpod lhos, e quem sabe até me apadrinha" (N. S., Tijuca).

— Como você diz não se julgar uma pintora, "mas uma amadora que procura reproduzir as coisas belas da natureza que me agradam aos olhos", cremos que o primeiro passo seria procurar aperfeiçoar-se tecnicamente frequentando as aulas de um bom professor, como por exemplo Frank Schaeffer, Caterina Barattelli

ou Ivan Serpa. O resto virá depois — pensosamente —, em seu devido tempo. Outra coisa: ver boas exposições, em museus e galerias, é ainda o melhor modo de aguçar o olho, apurando o gosto.

...classificando como obscenos, os desenhos de Vagn" (A. N. F., Flamengo).

— O leitor se refere a trecho de uma nossa apreciação sobre recente mostra de desenhos de Vagn no MAM do Rio de Janeiro: par ele, os dese-

nhos em pauta seriam eróticos, nunca obscenos. O leitor faz uma terrível confusão entre erótico, obsceno e pornográfico, chegando mesmo a considerar sinônimos os dois últimos vocábulos. Ora, a nosso ver muita coisa é obscena sem ser pornográfica, muita coisa é pornográfica e não chega a ser erótica. Para sua melhor informação, aconselhamos a leitura do pequeno livro de Henry Miller *Obscenity and the Law of Reflection*, onde todas essas coisas são analisadas largamente.



Sobre a pantalone de crepe, branca, bainha virada, a frente-única de crepe também, branquíssima, com amarrados na cintura, e nó de pontas caídas. O gênero grego, em jérsei, branco total. Decote rente, corpo flou, mangas que saem das cavas, enviesadas, saia bem godê, curvinha. Os cordões folclóricos, de linhas coloridas, enfeitando.

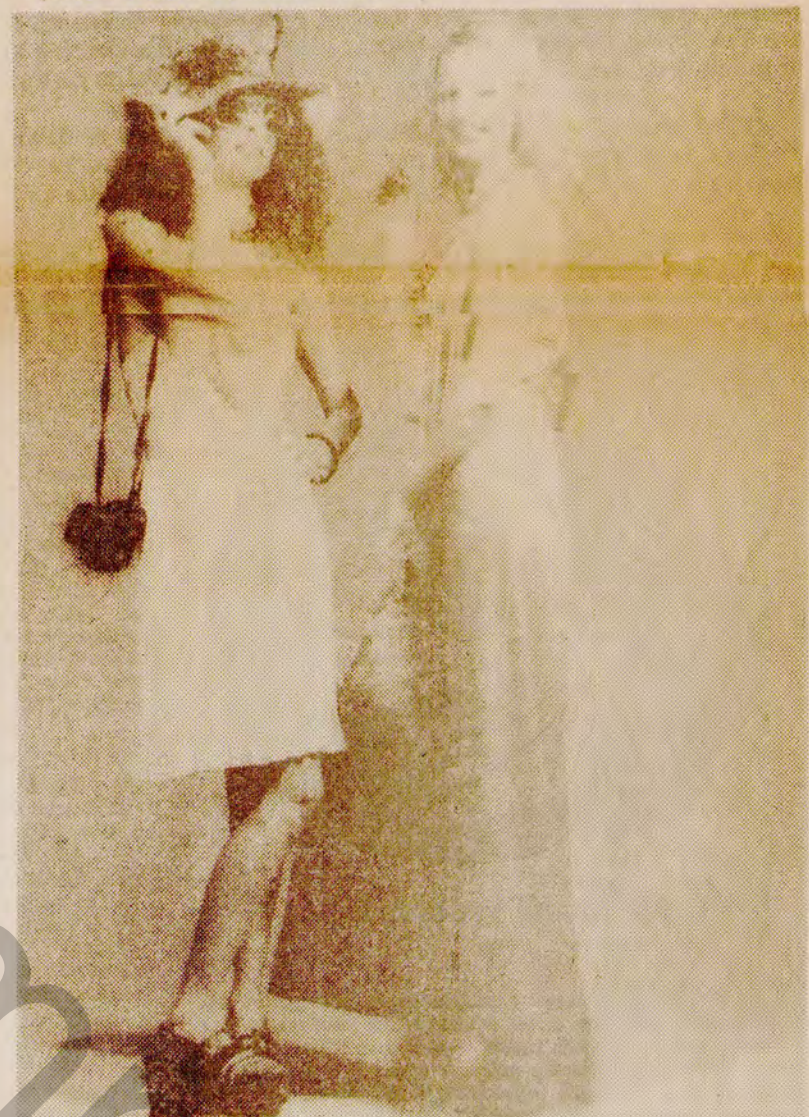
Maria Bonita

Foi na quinta-feira a inauguração da nova Bonita Ipanema, com a beleza de sempre, e com mais pimenta, modinha salgada, muito verão, cheia de sol e imaginação, holada por Maria Cecília Mallermont Machado, que é uma craque. Nas fotos, as tendências bonitas da nova estação, vestidas por Silvia Sangirardi e Elke, dupla do barulho, muito "quente". A bossa, do fotógrafo Jacques Avadis.

A blusa de malha, de alças finas, decotadíssima com a saia branca, curvinha. O jérsei, no corpo drapeado, saindo de tira central, que se transforma em alça em V, e amarra no pescoço, atrás. Sala frauzidinha.



Blusa branca, mangas pelos cotovelos, inteiriça, decote V, com go-linha discreta, caderão largo amarrando a cintura, enfeitado por rolotés grossos. Sobre a pantalone de toureiro, preta. A calça branca, de bainha virada, e usada com a frente-única bem cavada, escura, frou-frous na cintura.



O crepe branco, corpo ajustado, costas de fora, bem cavado, cintura marcada, saia plissada, usado com colares de contas sem contas, caindo pescoço afora. A sandália, solado de madeira, tachado, tiras muito americanas. Crepe, também, no longo, costas de fora, em trançados e amarrados, decote lenço, saia evasé, ligeiros tranzidos atrás.



Da esquerda para a direita — Gladys Marsh, funcionária do Ministério da Aeronáutica, ganhou cem dólares. A terceira colocada, Sybil Wise, de 17 anos, ganhou 50 dólares. E a quarta, Cecil Stock, enfermeira militar, 25 dólares.

Miriam Sabbage foi escolhida entre 50 000 candidatas e 20 finalistas. Enfermeira voluntária durante a guerra, depois do título fez carreira no cinema e no teatro.

COPIE O GÊNERO E FAÇA UM GÊNERO

Este é o gênero que está em moda. Antiquinho. Boquinha de coração. Rostos pálidos. Sobancelhas escuras e espessas. Olhos fundos, com muito cílios. Pastinhas e ondedos no cabelo. Estas são as misses 1919. Que tiveram a ousadia de desafiar os avós. E como na natureza nada se cria, tudo se transforma, as netinhas moderninhas querem agora aparecer antiquinhas e abalar os corações dos netinhos. E se quiser e copiar. O estilo de após-guerra — muito boy friend, que vai agarrar no seu namorado-nho.

